

THORZINHO

Revista Literária

ISSN 3086-3961

Volume I – Núm. 08 – 06 de setembro de 2026



Poemas - Página 17



Palavras aos leitores e às leitoras

Hoje queremos abrir nossas páginas com uma palavra que mora profundamente em nosso coração: gratidão. Agradecemos a todos os nossos colaboradores que acreditam no amor pelos animais e no cuidado com o meio ambiente e que, ao longo de nossa caminhada, nunca nos deixaram.

As páginas da Thorzinho são feitas de amor. Amor pelos animais que precisam de nossa proteção, amor pela natureza que nos acolhe e amor por todas as formas de vida que dividem conosco este planeta. Cada história, cada fotografia e cada palavra que chega até nós carrega um pouco desse desejo de cuidar daqueles que, muitas vezes, não podem cuidar de si mesmos.

Agradecemos também, com muito carinho, aos nossos leitores. Vocês são o coração da Thorzinho. É porque vocês nos leem, nos acompanham e acreditam em nossa proposta que continuamos enchendo estas páginas de histórias bonitas, de animais, de natureza e de esperança. Uma revista só ganha vida quando encontra olhos e corações dispostos a recebê-la, e vocês fazem a Thorzinho existir.

Por isso, queremos convidá-los a participar ainda mais de nossas páginas. Mandem para nós fotografias dos seus bichinhos, daqueles companheiros que fazem parte da família e enchem a casa de alegria. Mandem também fotografias de alguma coisa bonita do meio ambiente que tenha chamado a atenção de vocês: uma árvore, uma flor, um passarinho, um rio, uma montanha, o mar, o céu ou qualquer pequeno pedaço da natureza que tenha despertado em vocês um sentimento de encantamento. Queremos conhecer aquilo que vocês amam e, quem sabe, publicar essas imagens em nossa revista.

Acreditamos que o melhor do mundo está justamente naquilo que muitas vezes está diante dos nossos olhos. O melhor do mundo são os rios que correm, as montanhas que permanecem, os mares que nos encantam e os céus que mudam de cor todos os dias. O melhor do mundo são os animais que vivem perto e os que vivem longe, os animais silvestres que precisam de nossa proteção e os animais de estimação que nos oferecem sua companhia, sua confiança e seu amor.

Que nunca percamos a capacidade de olhar para tudo isso com ternura. Que saibamos cuidar, proteger e respeitar a vida. E que a Thorzinho continue sendo uma pequena casa de amor onde animais, natureza, colaboradores e leitores possam sempre se encontrar.

Muito obrigado a todos vocês que caminham conosco. Esta revista também é de vocês. Cada página que construímos juntos é uma declaração de amor à vida.

Boa leitura,

Rosângela Trajano

Editora-chefe



Contos

O Guardião do Lago

Ariane de Medeiros Pereira

Havia, no coração de uma pequena floresta, um lago que um dia fora tão bonito que os animais vinham de longe para beber de suas águas.

Ali, as árvores se inclinavam sobre o espelho d'água, os pássaros cantavam ao amanhecer e pequenas flores coloriam as margens. O lago conhecia o segredo da vida: onde havia água, havia esperança.

Mas os tempos mudaram.

Pouco a pouco, os homens começaram a derrubar as árvores que cercavam o lago. Primeiro, uma árvore. Depois, outra. E mais outra.

O barulho dos machados foi tomando conta da floresta.

As árvores caíam.

Os pássaros partiam.

E o lago, cada dia mais triste, começava a desaparecer.

— Socorro... — parecia sussurrar a água.

Mas ninguém queria ouvir.

O homem continuava desmatando. Fazia de conta que não via as margens rachadas, os peixes desaparecendo e a terra ficando cada vez mais seca.

O lago chorava.

E, enquanto chorava, secava.

A terra ressequida também chorava. Suas pequenas rachaduras pareciam feridas abertas, clamando por chuva.

Mas a chuva não vinha.

Foi então que apareceu um pequeno cachorro.

Seu nome era Tobias.

Tobias não era grande, nem forte. Não tinha ferramentas, nem máquinas, nem poder para impedir os homens de derrubar as árvores.

Mas tinha algo que muitos haviam perdido:

ele sabia enxergar.

Todas as manhãs, Tobias caminhava até o lago.

Observava a água diminuindo.

Cheirava a terra seca.

Olhava para as árvores derrubadas.

E sentia uma tristeza profunda.

Um dia, encontrou uma pequena poça de água que ainda resistia entre as pedras. Tobias bebeu apenas um pouquinho. Depois, com cuidado, levou o restante em sua boca e caminhou até a terra mais seca.

Despejou a água ali.

A terra pareceu respirar.

No dia seguinte, Tobias voltou.

Encontrou outra pequena quantidade de água e fez a mesma coisa.

Dia após dia.

Levava água.

Molhava a terra.

E, quando não havia água suficiente, Tobias chorava.

Suas lágrimas caíam sobre o chão ressecado.

Uma lágrima.

Depois outra.

E outra.

Até que, certa manhã, algo extraordinário aconteceu.

No lugar onde Tobias havia derramado suas lágrimas, nasceu uma pequena flor.

Era delicada e quase tímida.

Tobias aproximou o focinho e abanou o rabo.

No dia seguinte, havia duas flores.

Depois, três.

E, pouco a pouco, pequenas manchas coloridas começaram a aparecer pela floresta.

Mas Tobias ainda não estava satisfeito.

Ele carregava consigo sementes e pequenos frutos que encontrava pelo caminho. Ao caminhar, deixava cair algumas sementes pelo chão.

Quando comia, espalhava outras.

E, onde passava, a vida começava novamente.

As flores nasceram.

As sementes germinaram.

Pequenos brotos romperam a terra.

E a floresta, que parecia condenada ao silêncio, começou lentamente a respirar outra vez.

Tobias sabia que não podia salvar tudo sozinho.

Mas também sabia que toda vida preservada era uma vitória.

Certa tarde, um homem caminhava pela floresta quando viu o cachorro parado diante de uma pequena muda.

O homem observou.

Olhou para a terra.

Olhou para as árvores que ainda restavam.

Depois percebeu o lago.

Ou melhor, percebeu o que havia sobrado dele.

Pela primeira vez, enxergou.

Viu as margens rachadas.

Viu os animais procurando água.

Viu as árvores que havia derrubado.

E viu Tobias, pequeno e incansável, cuidando daquilo que os homens haviam abandonado.

O homem sentiu vergonha.

Abaixou a cabeça.

E compreendeu uma coisa que o cachorro parecia saber desde o começo:

a natureza não precisava de donos.

Precisava de cuidado.

Naquele dia, o machado não voltou a tocar nenhuma árvore.

O homem começou a plantar.

Outros homens se juntaram a ele.

As árvores foram replantadas.

O lago passou a ser protegido.

Os animais voltaram.

E, pouco a pouco, a chuva também voltou.

A primeira gota caiu sobre a terra.

Depois outra.

E mais outra.

Tobias levantou o focinho para o céu.

A chuva molhou seu pelo e escorreu pelo seu rosto, misturando-se às lágrimas que tantas vezes havia derramado.

O lago começou a encher novamente.

As flores se multiplicaram.

Os pássaros retornaram.

E a floresta voltou a cantar.

Tobias continuou sendo apenas um pequeno cachorro.

Não virou herói de estátua.

Não recebeu medalhas.

Não precisou.

Porque havia compreendido algo que muitos seres humanos demoraram a perceber:

quem protege a natureza não está salvando apenas árvores, rios, lagos ou animais.
Está protegendo a própria vida.

E, desde então, quando alguém perguntava quem havia salvado aquela floresta, os moradores apontavam para Tobias.

Ele apenas abanava o rabo.

Porque sabia que não havia feito aquilo sozinho.

Havia apenas mostrado aos homens aquilo que eles haviam esquecido de ver:

a Terra também sente.

A Terra também chora.

E, quando cuidamos dela, a vida sempre encontra um jeito de florescer.

Manhã de sábado, o casal se despediu com rápido beijo. Ioná abriu a porta do apartamento e chamou o elevador.

— Até mais tarde, amor. Olho nas crianças. Capriche no almoço, chegarei morta de fome.

— Deixe comigo. Vais comer bem. — Respondeu Leandro à esposa.

Leandro foi ao quarto das crianças. Ambas dormiam: Carolina na cama, Ana Clara no berço. Afagou os cabelos de Carolina, para acordá-la.

— Vamos tomar nosso café da manhã? São nove horas e o sol convida para aproveitar o dia. Algumas de suas amigas já estão na piscina. O que me diz?

Despertar tão convidativo entusiasmou Carolina. Em poucos instantes sentava-se à mesa.

Desconhecem-se as razões. Nem Leandro, tampouco Ioná, conseguem explicar, mas desde cedo, Carolina jamais gostou de carne, independentemente do tipo. Até que essa preferência fosse compreendida, ela experimentou pratos à base de carne, elaborados de variadas formas, pelas avós, tias, vizinhas e amigos do casal. De nada gostava. Fez-se a a partir da indicação de uma nutróloga. Retirada a proteína animal, Carolina passou a se alimentar sem sofrimentos. O café da manhã que a esperava continha salada de frutas, bolo de cenoura e suco de laranja.

— Pai, terminei. Posso ir brincar?

— Pode, filha, mas nada de mergulhar na piscina. Você precisa esperar um pouco.

— Eu sei. Vou só conversar. Só mais tarde eu entro na água.

O pai conhecia o som daquele alarme. Começava em tom baixo. Poderia ser traduzido como “bom dia, acordei”. Passados alguns minutos, caso não conseguisse atenção, Ana Clara chorava a plenos pulmões. Leandro estendeu-lhe a mamadeira de mingau morninho, do jeito que ela gostava. Recebeu um sorriso de gratidão.

Desde que Ioná voltara à universidade, há pouco mais de dois meses, Leandro se viu obrigado a alterar sua rotina de sábado, ao invés de sua caminhada de oito quilômetros, a

correria. Porém, agora, era para organizar os cômodos, lavar a louça do café da manhã, cuidar das filhas e fazer o almoço. Tornou-se em assíduo telespectador de programas gastronômicos e aperfeiçoou o que sabia.

A maior dificuldade era vigiar as panelas simultaneamente às filhas. A favor dele, sua mania de organização. Desde a noite anterior, já adiantava os ingredientes para facilitar o trabalho. Tão logo Ioná chegasse, bastaria ela entrar, higienizar as mãos, sentar-se à mesa e apreciar o cardápio preparado com esmero.

Livre da cozinha, Leandro brincava com Ana Clara rodeado por brinquedos. De repente, Carolina, abriu a porta do apartamento em prantos:

— Pai, a síndica vai mandar queimar as abelhas!

— Abelhas?

— O zelador descobriu uma colmeia numa árvore perto do parquinho.

— Elas são perigosas, filha...

— Mas não precisa matar, não deixe que façam essa maldade!

Ana Clara no braço e Carolina à mão a soluçar, Leandro dirigiu-se ao térreo do edifício, a fim de melhor se inteirar da situação.

— Felizmente, o zelador descobriu essas abelhas antes que picassem alguém. — Disse a síndica.

— Só picam se mexerem com elas — Argumentou Carolina, chorosa, a olhar o pai, em busca de apoio.

— Há muitas crianças encapetadas nesse condomínio. Vão mexer na colmeia, com certeza. Pode ter gente alérgica. Não quero problemas! — Retrucou a síndica.

Bochechas e olhos de Carolina avermelharam-se. Vociferou:

— A abelha é um animal polinizador; está ameaçada de extinção, sabia? Se elas desaparecerem, as pessoas serão extintas também. As florestas estão sendo destruídas; uns malvados usam pesticidas! As pobrezinhas não têm mais locais para construir as colmeias, não é justo!

Leandro, até então calado, mas orgulhoso da atitude aguerrida da filha, interveio:

— Dona Selma — disse ele à síndica —, eu tenho um amigo apicultor, que pode nos ajudar. Gostaria de propor uma medida alternativa. A senhora me concede alguns minutos,

para eu conseguir outra solução que não seja queimar as abelhas?

— Está bem — grunhiu a síndica.

Concluída a ligação telefônica, Leandro sorriu e retornou satisfeito com a boa notícia.

— Meu amigo já está a caminho. Ele se comprometeu a transportar a colmeia para um local seguro, tanto para as abelhas, quanto para nós. Uma ótima solução. Gostou, filha?

— Ele vai demorar? — Perguntou Carolina ainda preocupada.

— No máximo, meia hora.

— Durante esse tempo o senhor ficará aqui para evitar problemas, não é mesmo? — Inquiriu a síndica ao pai de Carolina.

— Não se preocupe, Dona Selma. Só sairei daqui quando essa situação estiver resolvida.



A síndica se retirou. Carolina e Ana Clara brincavam no parquinho com outras crianças. Leandro vigiava e proseava com o zelador.

— E aê?! — Exclamou Xavier, o amigo apicultor — Vim o mais rápido que pude.

— Valeu, cara! Ali está a colmeia.

— Abelhas europeias. São ótimas produtoras de mel.

— Moço! — Chamou Carolina do parquinho. O senhor é que vai salvar as abelhas?

— Eu mesmo. Seu pai me contou de sua atitude corajosa, parabéns. Quando crescer e quiser trabalhar comigo cuidando das abelhas, é só falar, se seu pai deixar, eu ensino.

Carolina abriu enorme sorriso.

Xavier pediu que as pessoas se afastassem e vestiu a roupa adequada para manejar abelhas.

A colmeia ainda era de pequeno porte, facilitaria a retirada sem maiores transtornos. A residência das abelhas foi acondicionada em uma caixa apropriada e o problema não mais existia.

Os amigos se despediram. Xavier levou sua preciosa carga ao veículo.

Já eram 12h20. Leandro, Carolina e Ana Clara retornaram para o apartamento.

— Carol, você toma banho primeiro. Mas não demore. Ana Clara está cheia de areia e também precisa de um bom banho. A mamãe chegará daqui a pouco e temos de estar prontos.

Carolina organizara a mesa com primor, à exemplo de como seu pai fazia; o cardápio atendia a distintos paladares, tanto da filha ‘natureba’, que comeria tofu, salada e grãos, quanto dos onívoros, com a succulenta costelinha suína assada, a exalar seu perfume no ambiente.

— Oi, família. Hum! Adoro o cheiro da comida que você faz! Que fome!

Depois do rito prévio de lavagem das mãos, sentaram-se à mesa.

— Como foi a aula, mãe?

— A professora é excelente. Você brincou, Carol? E você, bebê, deu muito trabalho ao papai?

Ana Clara, lambuzada e segurando uma costelinha, olhou a mãe e continuou a sugar a iguaria.

— Mãe, você nem sabe o que aconteceu hoje de manhã. Um amigo do papai veio aqui e...

Enquanto Carolina relatava o ocorrido, Ioná descalçou uma sandália e a arremessou em direção à parede. Ouviu-se o estalo e a comemoração de Ioná, vangloriando-se da mira certa. Havia uma mancha na parede, do inseto esmagado.

— Abelha abusada! Já pensou se picar alguma das crianças? Essa aí não perturba mais. Depois eu limpo. Desculpa, filha, o que aconteceu mesmo, hoje de manhã?

=====

Imagem criada no ChatGPT, a partir de descrição de cena pelo autor.



Crônicas

UMA LAGARTA

Sou fã de Rubem Braga. Mas, entre as muitíssimas crônicas que ele escreveu, há uma em especial que sempre levo para a sala de aula, porque sou apaixonada por ela: “Um pé de milho”, publicada em dezembro de 1945.

Ainda que tantas e tantas décadas dele nos separem, o texto é absolutamente vivo e lê-lo nos dá a dimensão real de como as crônicas tocam a atemporalidade que a arte tem.

Sinteticamente, a crônica conta, em primeira pessoa, as reações de um cronista que, de repente, vê seu pequenino jardim invadido por algo que parecia ser um pé de milho e que, gradualmente (apesar da opinião contrária de alguns amigos), revela ser mesmo um.

O passo a passo do maravilhamento do cronista que chega a se sentir um rico lavrador da rua Júlio de Castilhos é contraposto a um evento de dimensão mundial: o primeiro contato com a lua por meio de radar. No final das contas, o pé de milho, que desafia a lógica e conquista uma existência individualizada, chegando a dar flor, é mais importante que esse contato com a lua, porque é o maravilhoso do pequeno cotidiano de cada um/a de nós. A crônica é linda, vale buscá-la.

O que, entretanto, tem a ver “Um pé de milho” com esta minha crônica intitulada “Uma lagarta”? Ora, a velha e conhecida inspiração! Explico.

Há uns 20 dias, quando molhava o limoeiro que plantamos no quintal, vi umas folhas “comidas”. Pensei: “Há uma lagarta danada comendo as folhas do meu limoeiro!”. E comecei a procurá-la, para poder livrar meu avaro limoeiro (que até agora não deu flor nem fruto) da praga que o devorava.

De repente a vi. Mínima, caminhava reboiativa por uma folha ainda juvenzinha... não vou dizer que era bonita, porque seu aspecto não é dos mais estimulantes ao olhar. Mas era fofinha e eu podia ver sua boquinha se abrindo em busca do alimento. Resolvi fazer amizade com ela. E, claro, abandonei os ímpetos lagartídeos.

Passei a visitá-la todos os dias de manhã. E ela ia crescendo. Uma semana depois, resolvi pegar um galhinho e tocá-la. Surpresa! Brotaram duas antenas vermelhas ameaçadoras! Vixe! Fiquei com medo mesmo!

Fui buscar informações no Dr. Google e lá vi: *Heraclides thoas brasiliensis*! Depois do período de metamorfose, torna-se uma linda borboleta preta e amarela! É uma praga que atrapalha a citricultura, mas não a mim, que sou uma rica citricultora de Aracaju com apenas um limoeiro!

Passei uma semana em Triunfo e Serra Talhada e, ao voltar, no último sábado, corri para vê-la. Não estava mais no local onde eu a havia encontrado. Porém, insisti.

Procurei, procurei e procurei (haja vista!) até me dar com a bichona, enooooorme, passeando do outro lado do limoeiro. Gorducha, plena, independente.

Dessa vez não tentei um contato imediato, pois, possivelmente, as ameaçadoras antenas vermelhas estarão bem maiores. Mas fiquei feliz. Ela ainda está lá e, quem sabe, não serei testemunha de sua metamorfose?

Tal como o cronista sentiu-se diante do que ele chamou de “belo gesto da terra” ao ver seu pé de milho pendoar, eu, modestamente, me filiarei a seu sentimento, na expectativa de um “belo gesto da lagarta” que me permita vê-la sacudir as asas e se mandar por aí.

Christina Ramalho

(Aracaju, 28 de agosto de 2023)

Bigode, um cão

Luizinho Trocate



Foto do autor – Bigode, o cão símbolo do Guapituba

De idade indefinida e não sabida, apenas desconfiada; de raça pra lá de indefinida, Bigode é um símbolo, um monumento vivo do bairro. Todos o conhecem e respeitam. Velho Bigode!

Passos trôpegos, anda por ali. Tenta correr atrás de carros e motos, mas lhe falta o fôlego e logo desiste, afinal, já faz tempo descobriu a inutilidade dessas perseguições, volta para a sombra amiga, do bar, sempre o mesmo bar onde, como na música dos Valle, “fez o seu mundo”.

Já latiu muito, hoje não late mais. Talvez sabendo que sairá um som frouxo e desafinado, retém o latido que já não assustará mais ninguém e deixa pros outros, mais jovens.

Um cão filósofo! Sabe da vida e seus dissabores. Sobre cães mais jovens – e sobre homens também - provavelmente tem a mesma opinião que Oscar Wilde “o verdadeiro amigo é aquele que te morde / apunhala pela frente” então, não dá mole não, sabe que se ceder terreno outros se apossarão de seus domínios e o morderão / apunhalarão pelas costas, então deixa o “negrinho”, seu único cão amigo ficar por ali também, brigar por eles, defender o território. Põe fogo, finge que vai perseguir o invasor, ameaça correr atrás, mas deixa pro “amigo” que ele não tem tempo / nem pernas / nem fôlego; coragem até que tem, mas não basta.

Quem observa cães como o Bigode aprende muito!



Sobre o autor: Luizinho Trocate (heterônimo de Luiz Ramos), natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo, Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade.com”. Contatos: slramos224@gmail.com



Poemas

Estrela... Brilhe

Nessa noite escura
sem lua, sem estrelas
fico perdido,
me sinto nu na escuridão
Estrela, estrela... brilhe, brilhe só um pouco
por favor, brilhe, brilhe
acenda um archote, um tico de luz,
uma vela... Brilhe, brilhe
to pirado, to maluco
desça, vem pra perto
brilhe nos meus olhos
me vista de você.

Lembro da noite que você brilhou,
brilhou tanto que catalisou,
fundiu meus sentimentos
deixando sem aberturas
pra desviar do seu olhar
agora to na escuridão,
triste, nu e cego,
cego só pra te ver.

Estrela, desça venha me vestir de você
me enfaixe com seu faixo de luz
faça minha tristeza pular de alegria
não se apague, acenda
para que o reflexo do seu brilho
me traga luz e ilumine a escuridão
do meu viver.

Ariê de Moraes

Poeta das flores

05/09/2015

Páginas em branco

Me perdi de você
dentro de um livro
são tantas páginas
no nosso livro
tantas histórias
escritas, sentidas
vividas e poetizadas

Me perdi
quando lia o livro
me deparei com páginas
em branco
perdi a sequência
voltei ao início
tudo estava diferente
sem nexos
sem amor
sem sabor
sem sexo
faltava tudo
quanto desperdício

Vou juntando as palavras
pra ver onde te perdi
folharei todas as páginas
pra saber como escrever
tudo novamente
começo, meio e fim
sem erros, sem fugas
com você presente.

Ariê Vitor de Moraes
poeta das flores

O pranto da natureza

Afastada ilha,
nela se perde
mistério se encontra
tesouro escondido.
As gaivotas voam
no céu azul, anil,
azul-anil
formando um véu de sombra;
umas partem
outras voltam.
A flora exuberante, suntuosa,
veste a porção de terra firme
com o verde-mar em torno
e flores vermelhas silvestres
como chamas de fogo.
Folhas brilhantes,
coqueirais em flor.
Em flor, todos os jardins nativos
deixam os versos florescerem:
coloridos e encantados.
São flores estas que nascem
regadas pelo pranto da natureza.
Bela ilha, Ilhabela, que beleza!

Bernardo Santos, 62, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Têm publicações em antologias, jornais, revistas impressas e digitais, além de premiações e menções honrosas em concursos literários no Brasil e Portugal. Seu último trabalho solo é o romance histórico *O aluno do Passado* (e-book Amazon, 2022). As participações mais recentes estão nas antologias *XL Concurso de Poesias “Poeta Brasil dos Reis”* (Ateneu Angrense de Letras e Artes – Angra dos Reis/RJ), *O Poeta Resiste V* (Academia Teresopolitana de Letras – Letras e Versos – Rio de Janeiro/RJ), nas revistas *Folklóríka 1* (Cleópatra Cartonera – Vila Velha/ES) e *Barbante 186* (Natal/RN).

www.bernardosantos.com.br



O sussurro da mata

A mata acorda devagar,
com cheiro de terra molhada,
o vento começa a cantar,
na folha verde e orvalhada.

Um rio desliza ligeiro,
beijando a pedra no chão,
parece um velho violeiro,
tocando sua canção.

O pássaro corta o azul,
feito flecha de liberdade,
mas há silêncio no sul,
guardando alguma saudade.

Escuto a floresta respirar,
como se falasse comigo,
quero ficar, quero voltar,
mas sigo buscando abrigo.

Daniel Bezerra

Quando a chuva cai

A chuva fina toca a janela,
com dedos de prata e mel,
a tarde se torna mais bela,
sob o cinzento do céu.

No chão, surge o perfume,
da terra sedenta de água,
e a vida troca o costume,
lavando a poeira e a mágoa.

As folhas tremem de frio,
num balé verde e ligeiro,
e o vento atravessa o rio,
como o cavalo sem freio.

Sinto a chuva em meu rosto,
como lágrimas sem razão,
talvez seja puro desgosto,
talvez seja uma renovação.

Daniel Bezerra

A árvore e o tempo

A árvore guarda no chão
as marcas de cada estação,
tem sombra, flor, tem verão,
tem tempo no seu coração.

O vento penteia seus galhos,
com dedos de seda e ternura,
mas deixa pequenos retalhos
de folhas na terra escura.

Eu vejo seus braços erguidos,
pedindo silêncio ao luar,
parecem sonhos esquecidos,
que ainda insistem em brotar.

Talvez seja forte por fora,
mas também conheça a dor,
pois toda árvore que aflora
carrega no tronco uma flor.

Daniel Bezerra

José
Edson Briato

Há quem atravesse o mundo sem tocar na pele viva do mistério.
Gente que cumpre os dias sem saber
o que é esperar o som de quatro patas na sala,
essa geometria perfeita de um amor sem vocabulário,
que não cobra juro, não pede promessas,
e ignora o abismo do nosso próprio cansaço.

O inverno passado tinha o peso dos anos exatos:
dezesseis invernos chamados Rodolfo.
Ele se foi numa noite em que o frio lá fora
era apenas um espelho do estalo oco no peito.
Nem o fogo da lenha, nem o café coado, nem as mantas dobradas
conseguiam esquentar o espaço vago no tapete.
A dor de perder quem nos conhecia em silêncio
é um cômodo escuro onde a gente resolve morar por prudência.

Aí veio o José.

Um linguíça de um preto tão denso e brilhoso
que parece feito de noite reluzente,
onde o sol gosta de pousar só para ver o próprio reflexo.
Traz o fogo brando do caramelo desenhado com precisão:
pinceladas quentes nas patinhas que sustentam o mundo,
um escudo no peito, o contorno sutil do nariz
e duas sobrancelhas acesas,
como se o destino tivesse assinalado, ponto por ponto,
onde a luz deveria morar para sempre.

Chegou desconfiado, medindo os passos na casa estranha,
como quem pede licença para ocupar um pedaço de ferida.
E nós, covardes vacinados pela perda,
prometemos a nós mesmos: *desta vez, não*.
Decidimos manter a distância dos que já viram o fim.

Bobagem.

O amor não pede passagem, ele apenas ocupa.

Hoje, o Zé dorme no meio da cama.
Ele corre pelos cômodos espantando a poeira da saudade,
reinventa o ritmo do café da manhã,
pede colo no meio da tarde com a urgência do que é vital.
Ele é esse remédio sem bula, esse milagre de pelo e osso
que nos puxa para fora das telas luminosas e frias,
nos resgatando da pressa de um mundo que esqueceu como olhar nos olhos.

Dizem as videntes que o mundo caminha para o fim.
Talvez estejam certas. O tempo lá fora corre rápido, raso e indiferente.
Mas, enquanto o fim não chega,
os corajosos, os verdadeiramente corajosos,
continuam abrindo o peito para o risco.
Pois no bater frenético de um rabinho ao fim do dia,
o universo inteiro se refaz, pleno,
e nos lembra que a única salvação possível
é ter a audácia de amar de novo.



Foto: Acervo pessoal do autor (Rodolfo)

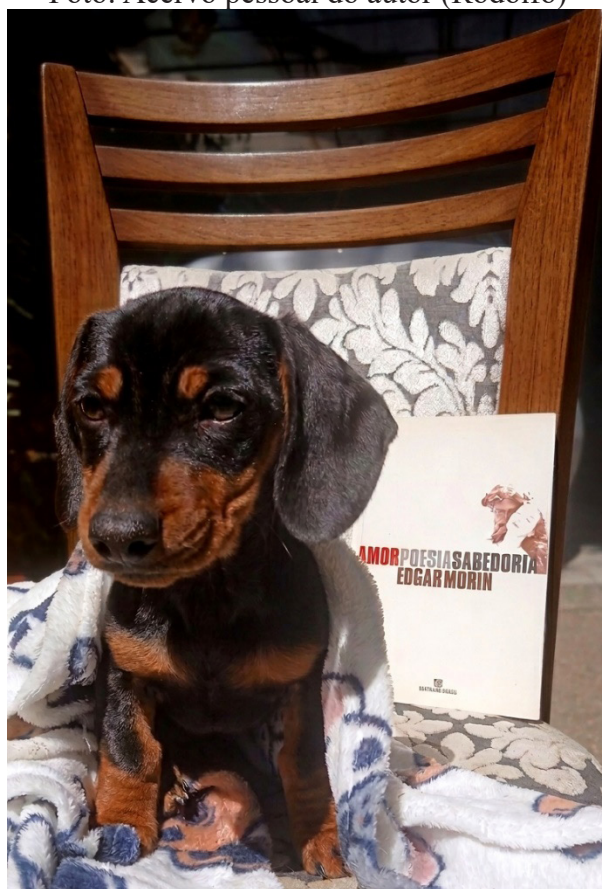


Foto: Acervo pessoal do autor (José)

E-mail: edsonbriato@gmail.com

Instagram: @esperaspoeticas

Sobre o autor: Edson Luiz da Silva Briato é natural de Campo Bom (RS). Licenciado em História, tecnólogo em Marketing e pesquisador, possui especialização em Educação pela Pesquisa. Escritor e entusiasta do fazer literário, encontra na obra da polonesa Wisława Szymborska sua principal fonte de interlocução e inspiração poética. Desde 2024, pesquisa maneiras de levar poesia até as paradas de ônibus da sua região.

Foto:



AS FOLHAS

Sopradas ao vento,
Bailando no ar...
Soltas ao relento,
Sempre a bailar...

Verdejantes ao redor,
Espalhando a sua essência,
Compartilhando o seu melhor,
E sua descendência.

Quando secam, amarronzadas,
Ficam quietas no chão.
Tristes, fragmentadas,
Assim como um coração.

Que de um inverno ficou,
Com tantas lembranças,
E seu corpo não aguentou,
Perdendo em si, a confiança.

Folhas, são corpos ao vento...
Pelo tempo levadas,
Ao som de um lamento,
Profundamente chagadas.

Fátima Leite

A PLÊIADE

Quando em rimas
Bailam sons,
Nos céus azuis de escribas,
Decoram em vários tons.

Multiplicam vozes,
Em ritmo poético,
Criando em torno, velozes,
Um elo magnético.

É a plêiade reunida,
Para complementar,
A magnitude da vida,
E da poesia a reinar.

Pois que, nessa esfera,
Em dimensão circular,
A Literatura impera ,
De forma espetacular.

Em quaisquer lugares,
Podemos nos encantar,
Com gigantescos estelares,
Da nossa cultura popular.

Fátima Leite

Luisa Mell

Os animais são sua luta

Se sozinha não consegue, voluntários ela recruta

Não importa quem tenha que enfrentar

Fome, cansaço, distância, nada a faz parar.

O amor pelos animais começou através da adoção

“Dino” foi amor à primeira vista; cuidou dela com devoção.

Porém, esse amor só foi aumentando

E cada dia mais ela vai se dedicando

Preocupa-se não apenas com cachorros, gatos e pets de estimação

Percebeu que todo ser vivo merece compaixão

E que nenhum deve sofrer judiação.

Mas com tempo ela viu que deveria fazer mais

Então ela entendeu que pra sobreviver não precisava abater os animais

Adaptou-se a uma nova alimentação

Mudou seu paladar, o que trouxe melhorias para o corpo e paz pro seu coração.

Seu nome verdadeiro é Marina

Significa aquela que vem do mar

Mas sua vó ela quis homenagear

É conhecida como Luisa Mell

Essa mulher guerreira, na luta pelos animais, é fiel.

Lukas

Um gato gigante

Que te ama num instante

Ao longe, sua miada,

Vai te receber na entrada.

O jeito que balança o rabinho

Te seguindo a pedir carinho

Adora ser escovado

E ter o pelo cuidado.

Lukas é manhoso

E muito carinhoso

Mas atenção

Ele também dá mordidão!

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas.

Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane

Sobre os poemas:

Luisa Mell é uma homenagem à ativista da causa animal e faz aniversário em 19 de setembro.

Lukas foi escrito inspirado no gatinho da foto a seguir.





Franz Marc

1880 - 1916

Franz Marc (1880–1916) foi um **pintor e gravurista alemão**, considerado uma das figuras mais importantes do **Expressionismo alemão**. Nasceu em Munique e inicialmente pensou em estudar teologia, mas acabou seguindo a carreira artística. Estudou na Academia de Belas-Artes de Munique e realizou viagens à França, onde teve contato com diferentes movimentos e artistas, especialmente com a obra de **Vincent van Gogh**.

Em 1911, Marc participou da criação do **Der Blaue Reiter (O Cavaleiro Azul)**, grupo artístico ligado à renovação da arte moderna, ao lado de nomes como **Wassily Kandinsky** e **August Macke**. Sua pintura destacou-se principalmente pela representação de **animais**, utilizando cores intensas e formas cada vez mais próximas da abstração.

Para Marc, as cores possuíam significados espirituais e emocionais: o **azul** estava associado à masculinidade e à espiritualidade, o **amarelo** à alegria feminina e o **vermelho** à violência.

Uma de suas obras mais importantes é **Destino dos Animais (1913)**, pintura que expressa uma atmosfera de sofrimento e catástrofe que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. A obra tornou-se particularmente significativa porque Marc posteriormente reconheceu nela uma espécie de **pressentimento da guerra**.

Convocado para o Exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial, Marc morreu em **1916, na Batalha de Verdun**, aos 36 anos. Após a ascensão do nazismo, suas obras foram consideradas “**arte degenerada**” e muitas foram retiradas dos museus alemães.



Expediente

Expediente

Revista Barbante
Vol. I - Nº 08 - 06 de setembro de 2026

ISSN 3086-3961

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe
Rosângela Trajano da Silva

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Ilustrações
Franz Marc

Autor corporativo
Rosângela Trajano
Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

